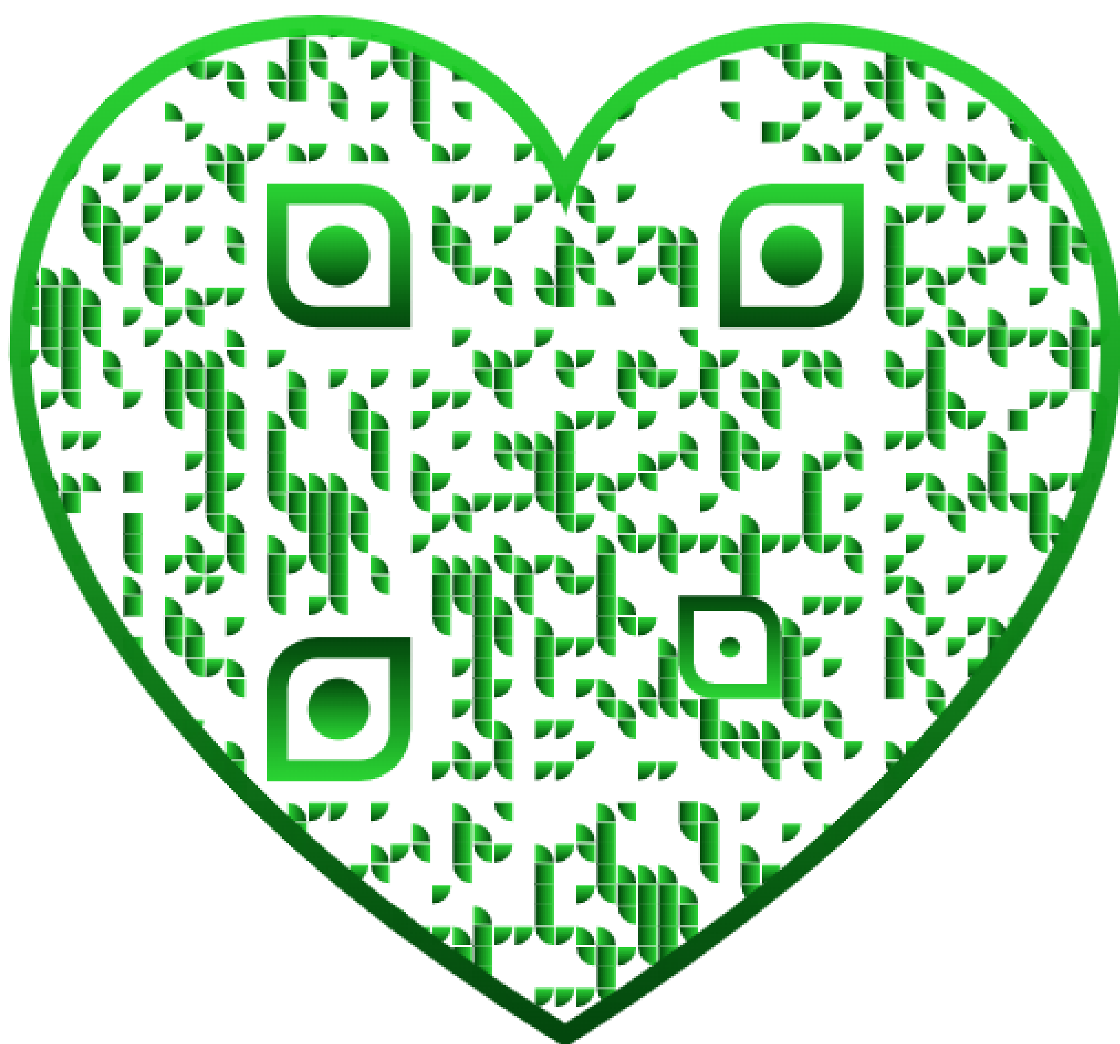
NAS SOMBRAS DO HORROR

PRIS MAGALHÃES
IVAN CAMPELO



NAS SOMBRAS DO HORROR

PRIS MAGALHÃES
IVAN CAMPELO

Índice

No Porão

Noite de Diversão

Emma

Na Casa do Diabo

Segredos

Indomuns Muiaartum

Nas Sombras do Horror

PRIS MAGALHÃES
IVAN CAMPELO

Copyright © 2019 Pris Magalhães e Ivan Campelo Publicado de maneira independente pela Amazon.
Capa: Alice Prince
Diagramação: Alele Designer – Revisão & Etc
Todos os direitos reservados.

Nas Sombras do Horror
Conto de Terror
-Literatura Brasileira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares e situações são frutos da Imaginação deste autor ou usados como ficção. Qualquer semelhança com a realidade ou fatos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, total ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor/a foram contemplados.



PREFÁCIO

Desde muito antes do cinema abraçar e difundir o gênero do horror por entre os quatro cantos do planeta, romancistas, contistas e poetas já vinham fazendo isso com uma premissa única de aterrorizar o leitor. Eram autores que não tinham tanto reconhecimento no meio literário, quanto os que se empenhavam com uma literatura “séria” e dramática. Muitos passavam por uma vida miserável e adquiriam reconhecimentos apenas depois de estar há sete palmos sob a terra. H.P Lovecraft talvez seja o melhor exemplo. Criador do horror cósmico, era um rapaz doente, introvertido, que não pensava em outra coisa que não fosse escrever histórias sinistras e publicá-las na Wizards Tales. Antes deste veio o Edgar Allan Poe, integrante do movimento romântico norte americano. Apesar de ter certa fama ainda em vida, não conseguia dinheiro o bastante para se manter, acabando por morrer de uma forma misteriosa e na miséria. Esses são apenas exemplos de reconhecimentos póstumos, mas a literatura vem desde muito antes, com o horror gótico, tendo pioneiros autores como Orace Walpole (O Castelo de Otrato, 1764) e a inglesa Ann Radcliff (Os Mistérios de Udolfo, 1794).

Mas conforme o tempo foi passando, novos autores surgindo, adicionando novos elementos ao gênero, os leitores passaram a enxergar o terror de uma forma diferente. Este não servia apenas para horrorizar, mas também para levar ao público novas reflexões sobre a natureza humana, dentro de um olhar violento, sensual e macabro.

E nesta antologia, o que não vai faltar são elementos classicistas do horror, que traz o gore e o psicológico como caminho para adentrar na mente do público e o aterrorizar da maneira mais genuína possível. Não há censura aqui. Para os mais puristas, Noite de Diversão será um grande exagero pornográfico e para os sensíveis às experiências intimistas, Emma e No Porão serão histórias tão perturbadoras e demoníacas que deveriam ser banidas da face da Terra. No entanto, para os amantes do terror, acostumados com palavras de baixo calão, assassinatos, imagens macabras, e muito, mas muito sangue, irão se deliciar com a prosa criada por Pris Magalhães e Ivan Campelo.



APRESENTAÇÃO

Pris Magalhães se lançou na literatura ao participar da primeira antologia de poesia pela editora Grafitte, participando a seguir de coletâneas de contos por diversas editoras e logo depois publicando seu primeiro infanto-juvenil, intitulado “Crônicas de Silbery – O Segredo do Bosque”.

Autora independente da duologia Caçadores, disponíveis na Amazon, assim como seus contos em e-book. Fechou parceria com a editora Cabana Vermelha para a publicação do livro Linha Vermelha. Romance que traz uma visão apocalíptica nacional sobre zumbis.

Conheça as obras da autora neste link:
https://linktr.ee/priscamagal

Ivan Campelo se meteu com a literatura ainda no Ensino Médio, lendo romances nacionais ao passo que se aventurava na escrita sem qualquer estrutura intelectual. Iniciou seu primeiro livro megalomaníaco por volta de 2014, não chegando a concluir, pois o bom senso o avisou de que estava horrível. Em seguida, com um maior amadurecimento, mas ainda na péssima fase adolescente, iniciou outro livro, que a princípio também estava ruim, mas depois de dois anos lapidando aquelas palavras, apresentou-se como um promissor romance de terror. New Sunshineville, que está sendo publicado semanalmente no wattpad, onde há também contos tanto de terror quanto drama.

As Luzes do Recife é o que veio depois deste. Agora longe do inferno que era a escola, e com muitos livros lidos e novas

formas de se escrever exploradas, conseguiu concluir algo que realmente o deixou satisfeito e que logo estará na Amazon como e-book.

Mas para os que buscam histórias que os farão repensar sobre a importância da vida humana na Terra, é indicado explorar a pequena trilogia de contos disponíveis na Amazon. Ou para os mais românticos, basta procurar pelo conto Até Mais, também de sua autoria, mas que não está na vertente do terror.

Conheça as obras do autor neste link:
https://instabio.cc/11013swe2l

Não recues! De mim não foi-se o espírito...

Em mim verás – pobre caveira fria – Único crânio que, ao invés dos vivos, Só derrama lágrimas.

– Uma Taça Feita de Crânio Humano, Lord Byron. (Tradução de Castro Alvez)



No Porão

Por Pris Magalhães

No escuro do porão úmido e cheirando a bolor, Sarah sente os pulsos queimarem em volta da corda muito apertada, quase cortando a pele fina. Com a respiração entrecortada, luta para puxar o ar quente que entra em suas narinas, e essas ardem por conta do químico usado para apagá-la. A garganta arranha quando a saliva desce ao engolir para umedecê-la e os olhos, desfocados, tentam avaliar o lugar em que está.

Tão estendidos acima da cabeça, os braços dormentes puxados pela corda presa ao caibro no teto faz com que seu corpo fique de pé, e ela sente cada parte de seus músculos se contraírem em dolorosos espasmos. Ela quer gritar de dor, mas a fita adesiva em seus lábios a impede de um sussurro de alívio que seja.

Quanto tempo ficou desacordada? O que é essa coisa úmida em seus pés que a faz escorregar nas pontas dos dedos tornando insuportável seu equilíbrio? E por fim, que porra está acontecendo?

A única coisa que Sarah tem controle real é de seus olhos, que agora estão se habituando à escuridão aterradora que a envolve em um abraço sufocante e isso só aumenta seu desespero. O escuro é seu inimigo e ela o teme tanto quanto a morte agora. Sua mente vasculha uma centelha de razão para entender o que se passa e tomar o controle da situação, dominando sua respiração, que sai ruidosamente pelo nariz, mas o som que irrompe quebrando o silêncio de forma brutal, rangendo como dentes ferozes, vêm das dobradiças enferrujadas, acelerando seu coração. A porta do porão está se abrindo.

Sarah puxa os braços em uma tentativa desesperada de se livrar das cordas, deslizando nas pontas dos dedos no chão escorregadio enquanto seu corpo balança em uma dança ridícula sem ritmo. O som de passos nas escadas soa como tambor pelo ambiente quase hermético quando a porta volta a se fechar. Bum, bum, bum...

Há um cheiro rançoso de comida que entrou furtivo junto com a porta aberta e ela sente seu estômago revirar, mas segura o vômito porque sabe que irá se sufocar com a fita em sua boca. O gosto, porém, da bile amarga, prende em sua garganta e ali permanece enquanto seus olhos ficam fixos na escada de madeira, esperando aterrorizados pelo algoz que a qualquer momento irá surgir quando uma luz explode no meio do porão.

Primeiro seus olhos fecham com o amarelo florescente da lâmpada, e ai piscam lacrimejantes enquanto ela tenta canalizar sua visão para as botas de um rústico preto que vem descendo. Bum, bum, bum... Então surgem as pernas, calças jeans pretas folgadas, rotas, rasgadas nas coxas, os bolsos gastos abaixo da camisa xadrez de um amarelo doente como o rosto que surge sob a barba por fazer há dias.

Os olhos de Sarah são agora sua maior expressão, e com eles ela grita com toda a sua alma pedindo por um socorro que ninguém fora da casa na rua Poema dos Olhos do pacato bairro residencial irá ouvir, ainda que ela pudesse usar seu dom vocal de forma absoluta. Ele se aproxima com seu volume corporal encorpado e a obriga a levantar a cabeça para encará-lo quando chega há um metro de distância com algo no rosto que ela não tem certeza, mas que sugere um sorriso sádico nos lábios finos como uma linha.

— Que merda é essa? — ela grunhe, tentando se fazer entender, mas seus murmúrios são sons desarticulados presos na boca tapada.

Um dedo grosso é erguido e lentamente se aproxima da linha que lembra os lábios do homem. Sob as unhas, uma sujeira compacta se acumula, e de entre seus dentes sai um ruído de ordem. — Shiiiiiii — ele prolonga o som com a tranqüilidade que seus olhos dóceis transmitem. Ela obedece.

Estendendo o braço, o homem toca no rosto de Sarah enquanto ela continua a se desequilibrar. Ela sente os nódulos duros dos dedos passeando pela pele, – agora molhada pelas lágrimas –, desenhando um trajeto envolta de toda a face oval da garota, sempre com os olhos bondosos a contemplá-la e isso é tão assustador que ela não segura a urina, que escorre por suas pernas, descendo pela canela e molhando seus pés descalços.

Ao perceber que a garota se urinou de medo, um prazer se apossa do homem, que delicia-se na fraqueza de sua presa e percorre com os olhos o mesmo caminho que o líquido faz pelo desnível do chão. O esgar dos lábios se pronuncia mais e então ele volta o rosto de uma vez para ela, gotículas de suor brotando na testa larga, misturando às espessas sobrancelhas negras e só neste instante Sarah percebe que ele estava com a mão esquerda atrás das costas o tempo todo.

O que tem ali? Ela não tem certeza se quer saber, mas tem ciência que isso independe de seus desejos. A mão desliza devagar para frente, como em um jogo de criança. "Ah, merda, um bisturi. Esse desgraçado tem um maldito bisturi na mão", ela pensa em desespero, murmurando e gemendo para que a solte.

Ele se aproxima do rosto dela, perto, muito perto, tão perto que Sarah pode sentir aquele cheiro quente de suor velho, camisa usada há muito tempo e, "Ah Deus, isso é sangue? É sangue na camisa dele?", esse cheiro rançoso de sangue apodrecido espanca o nariz dela com violência. A testa se posiciona muito próximo, ele inala, sentindo o cheiro que a pele dela exala. Então se aproxima mais um pouquinho, pele com pele, o suor frio e melado grudando na testa dela, queimando sua tez com arrepios de pavor. Ela se balança de um lado para outro tentando desvencilhar do toque, escorregando no chão.

Sarah não percebe de imediato quando o fio gélido do bisturi penetra sua pele até o sangue começar a escorrer. Quente. Uma gota que desce a lateral da testa, percorrendo a bochecha direita, o queixo, se alojando pingo após pingo entre os seios que sobem e descem junto ao descompasso de seu coração. Então ele se afasta, o mesmo olhar bondoso, quase piedoso a encara de forma profunda nos olhos enquanto desliza a arma com precisão cirúrgica como se já houvesse feito aquilo inúmeras vezes sem nem precisar olhar mais.

O homem trabalha a navalha de forma tão rápida no rosto de Sarah que ela mal percebe que ele já terminou quando a dor explode em sua face, então, muito calmo, ele coloca o instrumento no bolso traseiro e testa as bordas da pele afrouxada. Com uma sucção que arrepia todo o corpo da jovem, a pele pende sobre as pálpebras e ele se move para trás, com os olhos castanhos curiosos analisando toda a parte solta, puxando devagar e Sarah sente que irá perder os sentidos quando ouve um som abafado, mas muito conhecido. Alguém tocou a campainha.

Pela primeira vez os olhos castanhos do homem tomam uma forma contrária à docilidade que ele tem apresentado até o momento e, olhando para cima, além do teto bolorento e escurecido do porão abafado, ele murmura algo consigo mesmo. É noite de Halloween, e as crianças estão agitadas lá fora batendo nas casas em busca de doces para encher seus baldes com caras de monstros. Entretanto, o maior de todos está bem ali embaixo com Sarah.

Ele solta a pele da jovem, que despenca sobre os olhos dela, e limpando o sangue na calça, ainda sem tirar a vista lá de

cima, se vira e caminha com pesados passos para a escada. O som dos passos pela madeira retumba no ambiente e vibra nos ouvidos dela. Agora é sua única percepção do que acontece no espaço já que sua visão está bloqueada pela carne de seu próprio rosto.

Ouvindo a porta bater e de novo sentindo o cheiro rançoso de algo sendo cozido, ela

prende a respiração e escorrega nas pontas dos dedos por mais alguns segundos até sentir um pequeno atrito no chão. Sua urina junto com as muitas deslizadas deve ter tirado seja o que ele tem utilizado para fazê-la deslizar, e isso a faz conseguir se manter um pouco mais equilibrada. Os ombros gritam por uma dor que queima lacerante enquanto seus pulsos presos à corda acima da cabeça estão em carne viva. Mas ela quer viver, não importa que seu rosto esteja parcialmente dilacerado e sangrando muito.

Sarah testa a corda, o aperto a quer desanimar, só que as risadas abafadas que vêm por debaixo da porta daquele porão, risadas infantis, deixam claro que ela não será a última desse ritual macabro. As inocentes crianças já foram atraídas para o interior da casa, assim como ela com uma proposta de emprego, e em breve estarão experimentando horrores inimagináveis ao seu lado. Talvez ela presencie, se não tiver sangrado até a morte ou desmaiado de dor com as torturas que ainda estão por vir.

Ela esfrega os pulsos, que ardem. A pele já está tão ralada que gotículas de sangue brotam e escorrem, logo se tornará ferida aberta e percebe que o tempo zomba dela. Os passos acima se tornam próximos, a dor aumenta, seu coração espanca o peito, seus ouvidos atentos zunem, o sangue escorre e ela esfrega os pulsos sem parar com os braços estendidos, torcendo os pulsos até sentir um pouco de frouxidão. Os passos estão chegando, agora apenas um par deles. É impressão, ou as risadas pararam? Não ouviu a porta da frente bater. As crianças foram embora? Ah, Deus, o que esse monstro fez? Esfrega, esfrega, esfrega até que uma das mãos cai sobre si e a outra vem junto.

Sarah despenca no chão de uma vez. O impacto da queda cobrando todo esforço que ela fez, todo peso, toda tensão. Seus ossos doem e sente estalos e espasmos pelo corpo. Fica incapaz de reagir por alguns segundos, se mantendo imóvel, sentindo cada dor sendo cobrada das últimas horas de tortura e horas que ficou pendurada naquela corda. E assim ficaria imóvel no chão, sobre sua urina, sangue e um pouco que sobrou da oleosidade, não fosse o som próximo à porta do porão despertá-la para se levantar.

Toda força que imaginou não ter mais se reuniram agora em seus músculos doloridos e foram como impulsos elétricos para as pernas, colocando-a de pé. Puxando a pele dos olhos, vê debaixo da escada um bom canto para se esconder na penumbra que a luz não alcança. É para lá que corre, encaixando-se toda assim que a porta é aberta. Passos na escada indica que o homem voltou a descer, mas algo na sonoridade diz que o peso mudou e ela vê a bota escura. Quanto tempo ele irá demorar a descobrir que ela não está no lugar em que a deixou? Ela tapa a boca para segurar a respiração e não fazer ruídos até se dar conta que é desnecessário, a fita adesiva ainda está presa aos lábios.

Ele continua descendo, mas então para e o coração de Sarah dispara. Mais ainda. Agora sabe que sua prisioneira não está no lugar que a deixou. Ela o imagina vasculhando o lugar feito um louco, o bisturi em mãos, furioso por ela ter escapado, mas apenas continua descendo e é quando Sarah vê as delicadas e finas pernas dependuradas em seus braços. O monstro traz uma criança para o porão.

Sarah tem ciência que não será fácil se livrar desse homem, mas tem a esperança que, com os braços ocupados ele tenha os movimentos mais lerdos, então ela aguarda a sua descida com a criança desacordada para depois da escadaria até uma distância que se sinta segura o bastante para sair de seu esconderijo e dar a volta, subindo os degraus. E é o que faz quando ele passa. Ela sobe correndo, sem se importar com o barulho que está fazendo, sabendo que está sendo ouvida fugir, batendo os pés com desespero em cada degrau como se infligindo neles toda a dor que sofreu nas últimas horas, segurando a pele acima dos olhos, alcançando a maçaneta com gana desesperada, girando-a. Mas a porta não vem, está trancada.

A maldita porta está trancada. Sarah e uma pobre criança estão presas dentro do porão juntas com esse monstro. Vira-se e o vê subindo. Os olhos doces não mais complacentes, mas agora contrariados, até mesmo magoados. Ela pode ver a profunda decepção vinda dos olhos que a fitam enquanto ele sobe bem devagar. Não há pressa nos passos calculados. Sabe que ela não irá a lugar algum. Mas a jovem não irá se entregar sem lutar.

Sarah está disposta a uma boa briga.

Seus pulsos doem e sangram e se ela soltar a pele da testa sua visão irá se

comprometer, mas o que tem a perder agora, além da vida? Suas pernas doloridas mal a mantém em pé, mas ao erguê-la para desferir o primeiro golpe quando ele está muito próximo, ela tem dentro de si o instinto mais antigo de todos, o de sobrevivência. Quando acerta o peito largo do homem, ele recua e se segura no corrimão, caindo alguns degraus para trás, mas isso não é o suficiente para detê-lo, ao contrário, sua gana pela jovem aumenta e pela primeira vez seu sorriso se escancara, deixando à mostra os perfeitos dentes perolados. Algo contraditório a toda a feiúra de seu rosto, do porão e do horror que ele faz ali.

Sarah toma impulso de novo, segurando no corrimão com a mão esquerda, o fitando. Seus olhos ardem por causa do suor e sangue que escorreram, além das lágrimas. O ar entra com dificuldade por suas narinas e seu corpo treme, mas ela não vai se entregar. Gostaria de dizer "Pode vir, filho da puta", mas sua boca tapada não a permite.

Ele a estuda, ela aguarda. Não há pressa da parte dele, há urgência que grita no peito dela. Ele avança em uma simulação que logo retrocede e Sarah cai nesse golpe, chutando-o e percebendo tarde demais que era uma cilada quando agarra sua perna e a puxa. Sarah escorrega e cai para trás, batendo a cabeça com força na porta e sentindo um atordoamento. Ele mantém a posição, a observando no chão, ela fica onde está, as pernas pendendo nas escadas, a pele frouxa no rosto.

Um entorpecimento percorre seu corpo, mas está viva, é isso o que conta. Sarah testa seus movimentos. As mãos estão se erguendo. Leva uma delas até o rosto e puxa a pele para ver. O monstro ainda está de pé a observando, mas agora se abaixa devagar. Está se aproximando, se ajoelha ao lado de seu corpo, leva as mãos com cuidado por seus ombros, acariciando com as pontas dos dedos, subindo pelo pescoço, enlaçando cada uma dos dois lados. Apertando devagar, mais um pouco, mais um pouquinho.

Sarah está sendo asfixiada muito devagar. As mãos grandes apertam sua garganta com cuidado, pois não quer que ela apague de uma vez, não ainda. Cada momento de sofrimento é um prazer único para ele. Está fazendo isso saboreando cada detalhe de dor que emana dos olhos dela e Sarah levanta suas mãos em uma tentativa de afastar as dele. Puxa, mas é em vão, ele é muito mais forte.

Encara-o. Aqueles olhos doces a encaram de volta. Sarah está perdendo as forças. Ela toca o rosto dele, aquela aspereza repugnante, tateando mais, indo até aqueles olhos desprezíveis, seus polegares caminhando para os castanhos brilhantes de pura maldade atrás das íris sujas. Ela os enfia ali com força e o som de bolha explodindo só não é mais prazeroso do que o líquido que respinga em seu rosto e o grasnar que sai gutural da garganta do mostro. Um grito de um homem mudo que se esforça para emitir som.

Ele se ergue com as mãos no rosto e o som desgraçado saindo de sua boca é quase um lamento. Não desperdiçando a oportunidade, Sarah levanta o tronco e o empurra com força. O corpo cai para trás de forma brusca e desajeitada, rolando alguns degraus, mas para logo por causa das pernas que ficam presas no corrimão. Ele está ali, imóvel, com a cabeça presa entre uma barra de madeira e o degrau. Ela não sabe se está morto. Precisa verificar, entretanto o medo a quer fazer ficar onde está, mas a voz da sanidade a alerta para toda a loucura que tem sido até ali e medo não é uma palavra que cabe ou existe para ela agora.

Sarah se levanta e desce, devagar, um pé na frente do outro, sempre segurando as bordas da pele que pende sobre os olhos. Ele está imóvel, ela abaixa. Não sente sinal de movimento em seu peito que indique uma respiração. Com cuidado ela verifica os bolsos da camisa dele. Não há nada ali. O desespero dá sinais de presença para ela, mas a jovem continua procurando. No bolso da camisa apenas um charuto mordido que causa asco, ela joga fora. Olha para o rosto acinzentado, o pescoço parece torcido nesse ângulo esquisito, os fluídos negros descendo pela barba rala, misturando ao barbante que ela agora percebe, então ela o puxa e ali está uma chave.

Um tranco no barbante não é o suficiente para o arrebentar como já vira nos filmes, mas fez a cabeça dele subir e descer.

Ela tenta mais uma vez, e na terceira arrebenta, mas o monstro reage aos solavancos e agora, acordado, agarra a mão de Sarah com força. A luta se inicia novamente. Ele está preso com a cabeça, ela está sobre ele tentando se desvencilhar sem nenhuma arma com que se defender a não ser com garras e dentes. Garras e dentes. Sarah não tem tempo para pensar muito sobre suas opões e a frieza pesa sobre sua decisão ao puxar a ponta da fita presa à bochecha. Pedaços finos de pele descolam dos lábios quando ela desgruda, mas agora ela sabe

que o pior já passou, só precisa liberar toda sua boca e abri-la o máximo possível e mal se dá conta quando está com parte da carne do pescoço do homem dentro dela, mastigando, sentindo o gosto do sangue que não o seu, arrancando o músculo e cuspindo fora.

Ela já poderia ter parado, mas não para. Mesmo quando não há mais movimento no corpo abaixo do seu, Sarah continua mordendo e mordendo em um frenesi louco, deixando suas lágrimas se misturarem ao sangue do homem que já está em todo seu rosto, seu pescoço, seus seios e não sabe por quanto tempo mais mastigaria aquele pescoço, não fosse o grito aterrador vindo abaixo, ao pé da escada.

A garotinha acordou. Apontando para ela, apenas conseguiu balbuciar, estarrecida de pavor:

— Monstro.





Noite de Diversão

Por Ivan Campelo

Rejane tinha 38 anos. Dentro de dois meses faria 39. Alta com pouco mais de um metro e setenta e cinco, seus cabelos despencavam de seu crânio, cobrindo os ombros e chegando à cintura. Fios grisalhos já se apresentavam, mas não dava a mínima importância para tal fato. Sentia-se ainda mais bela com aquelas mechas esbranquiçadas, não cogitando em nenhum momento a possibilidade de pintá-las.

Os clientes também gostavam, alegando que daquela forma ela ficava muito sexy e os enchia de tesão. E foi isso o que Reginaldo, seu mais novo cliente, disse quando estavam no carro se dirigindo para um motel que ficava na rua Henrique Dias, dentro do bairro de Derby.

— Quantos anos você tem, Karen? — perguntou ele olhando para o sinal que permanecia vermelho, sem nenhuma alteração. Começava a pensar que estava quebrado.

— Trinta e dois, querido — respondeu ela, acariciando a coxa do homem.

Ela estava esperando o surgimento da ereção para começar a fazer o que fazia de melhor. Rejane era conhecida por fazer o melhor boquete de Recife. Não apenas em homens, pois já fizera em duas mulheres que pagaram uma quantia a mais por sua dedicação.

— Eu pensei que fosse mais nova. Teria lhe dado vinte e nove.

— Com estes cabelos brancos? Está sendo gentil.

— Você pode ter pintado — De repente começaram a buzinar. O semáforo estava mesmo com defeito. — Sua pele é macia e limpa, sem nenhuma marca. A sua voz... Quando nos falamos por telefone, acreditei que se tratava de uma garota de dezoito anos. É uma voz muito jovial.

— Obrigada pelo elogio, gato.

Seus dedos começaram a subir até que encontrou o pênis dele, passando a acariciá-lo.

— O que está fazendo? — perguntou ele, sorrindo. — Posso acabar batendo o carro.

— Você tem um pau maravilhoso. Por ele, eu vou correr esse risco.

Dentro de poucos segundos ela estava com ele na boca. O homem esfregou o rosto e tentou se concentrar no trânsito, buscando forças para pisar no freio e acelerador. No entanto, Rejane não estava fazendo aquilo pelo motivo que dissera, mas sim pelo valor que o homem a entregara quando chegara com sua BMW.

— Você faz isso muito bem, querida — ele gemia.

Ela não respondeu, ficando a trabalhar com as mãos e boca, fazendo com a língua uma verdadeira dança. Quando terminou, a BMW já estava no cruzamento entre a Av. Agamenon Magalhães e a Conde da Boa Vista.

Reginaldo se preocupava com o momento de gozar. Iria sujar o carro. Porém, logo se viu aliviado ao perceber que a mulher estava disposta a engolir tudo. E foi o que fez. Saboreou até a última gota, deixando tudo limpo. Fechou o zíper, com cuidado para não machucar o cliente.

–– Nossa, garota, você é realmente profissional.

— Pode ter certeza que tudo que ouviu sobre mim, é verdade.

— Muito bom saber disso. –– Quando o sinal abriu, Reginaldo entrou à direita, passando entre a Praça do Derby e uma estação do ônibus BRT, lotada de pessoas que estavam presas devido à linha do metrô que fazia a viagem para Camaragibe não estar funcionando por culpa do vandalismo.

— Você é um homem rico, certo? — perguntou ela.

— Pode apostar.

— Mas, o que você faz para ter tanto dinheiro assim? Quero dizer... Tipo, você tem uma BMW e me entregou cinco mil reais por um programa que custava quinhentos.

— Não posso dizer nada sobre o meu trabalho, pois se assim eu fizesse, provavelmente teria que matá-la. Você não quer morrer. Quer, Karen?

— Não...

Um longo silêncio. Rejane o fitou por um instante, mas temia que o homem lhe lançasse algum olhar ameaçador. No entanto, de repente ele gargalhou.

— Você deveria ter visto a sua cara de assustada. Fique tranquila. Eu sou empresário. Tenho uma empresa de desenvolvimento de software.

— Isso me parece legal. Deve dar muito dinheiro.

— É, dá para pagar as contas.

— Você é casado?
— Sim, eu sou.
— Tem filhos?
— É costume seu fazer essas perguntas para seus clientes?

— Não, apenas aos mais interessantes — respondeu ela colocando a mão de volta à coxa do homem.

— Você sabe como tratar um cliente, Karen.

— Você ainda não viu nada.

Depois de fazer todo o retorno, atravessaram a Agamenon por meio de um cruzamento e depois de alguns metros entraram no motel, que segundo o conhecimento de Rejane, era um dos mais caros da cidade.

— Já veio neste?

— Apenas uma vez. Mas o cara gozou em dois minutos e ficou mamando no meu peito até eu me irritar e ir embora.

— Eu não vou gozar em dois minutos.
— Claro que não. Pude ter certeza disso enquanto me deliciava no seu pau.

— Você é mesmo uma puta deliciosa.
— A mais deliciosa de todas.

Reginaldo estacionou o carro em frente ao quarto que a atendente lhes indicara e entraram, deparando-se com um enorme cômodo muito semelhante a uma suíte de luxo.

— Minha nossa! — exclamou ela. — Você me trouxe ao paraíso para foder. Quando vim aqui, não era assim.

— Você é uma puta que merece o melhor.
— Como pode dizer isso se nem me conhece?
— O seu rabo já me disse tudo que preciso saber.

A mão dele desceu pelas costas da mulher e lhe agarrou a nádega esquerda. Era firme, mas macia como se seus dedos acariciassem algo que lhe remetesse a uma nuvem.

— Ele é o melhor da cidade, querido. Você pagou pelo melhor rabo do Recife.

— Eu vou foder muito você.

Neste momento ele aproximou o rosto para desferir um beijo e começar com o que ansiava em fazer, porém, Rejane levantou o dedo, barrando o movimento dele.

— Com toda certeza você vai, mas antes preciso ir ao banheiro. Não vou demorar.

— Tudo bem.
— Deite-se na cama e me espere.
— Pode deixar, meu bem.

Deu meia volta, levantando o vestido vermelho que usava e revelando a sua bunda pálida que estava marcada por uma calcinha fio dental, também vermelha.

— Esse é o rabo mais perfeito que já vi — disse Reginaldo tirando a calça jeans e a camisa azul.

Lançou-se na cama e ficou se masturbando devagar, esperando que seu pênis voltasse à vida depois da ejaculação na boca da garota.

Ele se sentia muito bem saindo com prostitutas uma vez por semana. A sua esposa não tinha mais tempo para sexo, pois estava sempre viajando para países da África. E quando voltava, e se metiam a transar, o sexo era frio e sem graça. Um homem precisa de emoção, vez ou outra fazendo coisas que a sociedade rejeitaria. Fazendo tais coisas ele se sentia um homem de verdade.

No entanto, não queria que as pessoas lhe levassem a mal, coisa que fariam se suas atitudes viessem a público. Ele era um homem cristão, conservador, que prezava pelos princípios da família tradicional brasileira. O que fazia nas sombras da noite, quando insistia com os filhos que não poderia levá-los para sair porque precisava trabalhar até mais tarde, não era da conta de ninguém.

De repente, a porta do banheiro foi aberta, revelando a lingerie vermelha que a mulher

estivera usando sob o justo vestido. Mas, uma peça adicional, um lenço na perna, fez muita diferença.

— Venha para cama.
— Com todo prazer, querido.

Ela fechou a porta do banheiro e saiu saltitando até que chegou próximo, jogando-se sobre o colchão. A cama rangeu.

O homem a fitou e sorriu, percebendo o quão linda era aquela mulher. Segurou-a pela cintura e começou beijando-lhe o pescoço, o rosto, e não demorou em descer até os seios, acariciando-os ainda sem revelar os mamilos. Era a pele mais macia que ele já sentira e também a mais gélida. Era como uma cerâmica banhada por uma noite fria. Mas não parou. Dos seios, desceu para o umbigo e na sequência para o meio das pernas.

Rejane gemia de prazer, segurando com força nos cabelos do homem que começava a usar a língua de forma sábia ao redor dos lábios de sua vagina. Já estava umedecida e pronta para a penetração. Só que ela queria mais oral, e assim o segurou contra si. Ele estava se deliciando e ela também.

— Me fode, querido, por favor, me fode gostoso. Reginaldo ficou de joelhos à frente dela e colocou a camisinha em seu pênis de quatorze centímetros.

— Seu pedido é uma ordem, querida — disse ele, abrindo ainda mais as pernas dela e fazendo o que achava que fazia de melhor. Deu partida com movimentos lentos, mas com toda a empolgação e tesão que percorria o seu corpo como uma corrente, aumentou a velocidade.

O suor escorria. Os pingos caiam no rosto da mulher, que não gemia mais, ficando apenas a observar o prazer estampado no rosto do homem. Este fazia barulhos estranhos com a boca, ao passo que dizia estar metendo gostoso.

Talvez, se não estivesse tão excitado, tivesse visto a mudança de cor nos olhos da mulher e uma dilatação anormal das pupilas. Teria visto também os dentes pontiagudos que ela revelou ao sorrir.

— Está gostando, sua puta? Está delicioso, não está? Diga que meu pau é grande e gostoso. Quero ouvir você dizer.
Mas permaneceu calada, ao passo que garras cresciam em seus dedos.
— Não vai dizer nada? Então vou lhe foder com mais força.

A velocidade com que o quadril de Reginaldo se movia, aumentou. O barulho de dois corpos se chocando também cresceu, assim como os gruídos do homem que logo foi substituído por um urro de dor ao sentir as garras de Rejane lhe perfurar as costelas.

O tormento o fez levantar o rosto e quando abaixou, deparou-se com a face da mulher transformada em algum ser que viera de outro mundo. Provavelmente das profundezas do inferno. A boca da criatura começou a se abrir, rasgando a carne da bochecha como se fosse uma borracha esticada ao extremo.

— O que... — Tentou o homem dizer algo, porém, as garras penetraram ainda mais em sua carne, chegando aos pulmões. Reginaldo gritou. Gritou na esperança de que alguém pudesse ouvi-lo e correr ao seu socorro. A resposta foi um longo silêncio.

Percebeu que nenhuma ajuda viria, quando seu corpo passou a ser erguido e direcionado para a boca da criatura, que estava escancarada, com as presas à mostra. Amarelas, fétidas e mortais.

A primeira coisa a entrar foi a cabeça dele. Chegando à altura do pescoço, ela mordeu. Colocou os braços e o dorso para dentro. Mordeu. Por último foram as pernas, que estavam se debatendo.
O quarto continuou da mesma forma que estivera quando chegaram. Apenas um pouco de sangue escapou para fora da boca de Rejane, que estava se sentindo muito satisfeita com o sabor da carne do homem.

Com suas garras, massageou a barriga que estava sobressalente e enorme, como se estivesse grávida de quíntuplos. Ela olhava para o teto conforme seu aspecto voltava ao normal. Unhas e presas diminuíam. Seus olhos mudavam de cor, devagar, até que chegaram aos castanhos. As pupilas diminuíram de uma vez.

E no fim deste processo, Rejane começou a regozijar ao passo que sua barriga apresentava pequenos movimentos, como se algo buscasse sair. Não houve demora para escancarar a sua pequena boca humana e vomitar um forte jorro escarlate que atingiu o teto e se espalhou por todo o quarto, pintando tanto as paredes quanto os móveis de vermelho. Rejane também ficou banhada por seu próprio vômito. Entretanto, o que fora liberado não se tratara apenas de sangue, mas também de outros elementos que compuseram o corpo de Reginaldo.

A mulher apenas parou de vomitar quando sua barriga voltou ao tamanho normal. Olhou para um lado, olhou para o outro, voltou-se para si. Sorriu. Não havia lugar no quarto que não fora banhado por Reginaldo.

Ela sorriu porque imaginou a dificuldade que teriam para limpar tudo aquilo. O quarto ficaria interditado por dias.

Continuou a sorrir, continuando, até gargalhar.

Saltou da cama e foi até o banheiro, onde tomou um banho, tirando os pedaços de pele de seu cabelo e corpo. Ficou cerca de meia-hora no banho. Quando saiu, colocou em uma sacola a calcinha e sutiã que estavam sujos. O vestido que estava sobre a pia, vestiu, olhou-se no espelho, penteou os cabelos e saiu pela janela, após pegar os seus saltos altos.

O muro com mais de seis metros estava bem à sua frente, depois da janela. Virou-se para ambos os lados para se certificar de que não havia ninguém observando, e então pulou por cima, sem se apoiar em nada.

Eram 23h, poucas pessoas estavam a caminhar na rua. A única preocupação dela naquele momento era como voltaria para casa. Procuraria por um táxi, pois dinheiro não lhe faltaria por um bom tempo, graças ao Reginaldo.

Rejane estava satisfeita.





Emma

Por Pris Magalhães

Ainda não eram seis horas da tarde quando o carro parou em frente à casa de dois andares na rua arborizada. Emma abriu os olhos com a sensação de que dormira por horas na mesma posição e lamentou por ter perdido tanto da viagem, mas estava tão cansada. À noite, com a ansiedade e a expectativa da mudança, mal conseguira fechar os olhos.

Uma espiada no banco de trás e a confirmação de que com Artur não fora diferente. O filho também esteve muito agitado na noite passada e o sono o venceu, fazendo-o dormir de forma tranquila na cadeira de segurança. Melhor assim, uma criança de seis anos no meio de uma mudança podia ser enlouquecedora.

— Vejo que acordou — Jorge sorriu para ela ao dizer. — Desculpe, não quis acordá-la. Sei o quanto precisava desse descanso depois dos últimos dias...

Ele não terminou a frase, mas Emma sabia que ele estava se referindo ao cansaço emocional a que ela passara há alguns dias. Na verdade, Jorge fora muito gentil com ela em sugerir alugarem uma nova casa para viverem. “Um recomeço,” como ele disse, para eles se darem uma nova chance.

— Está tudo bem. — Ela sorriu de volta, apreciado o belo jardim na frente da casa. — Roseiras. Precisaremos de um jardineiro para cuidar delas.

— Como quiser, amor. Antes, porém, precisaremos entrar em nosso novo lar. O que acha?

— É maravilhosa. A casa é o que sempre sonhei para nossa família. — Ela abriu a porta, inebriada pela paz que o ambiente acolhedor ofereceu. Uma atmosfera familiar e aconchegante que ela sentiu que poderia recomeçar. Logo atrás, segurando o pequeno Artur no colo, Jorge entrou e inalou o cheiro adocicado que vinha do interior da casa.

— Que cheiro é esse? — disse para Emma.

— Talvez seja das flores do jardim. — Ela não deu muita atenção à observação dele.

— Parece de frutas — Jorge insistiu. — Frutas muito maduras.

Emma caminhou pela casa inundada pela sombra crescente da noite que descia sobre o telhado, paredes e jardim, entrando pelas janelas e se assenhoreando dos cômodos calados com seu manto escuro. Ela estava muito feliz pelo recomeço.

— Melhor acender as luzes, querida. Pode ter uma surpresa e se machucar — Jorge avisou. — Você precisa olhar para nós. — Ele sorriu docemente, brincalhão.

— Não preciso de luzes para enxergar minha felicidade, meu amor. — Ela caminhou como se dançasse pela casa. — Mas acho que deveria colocar nosso filho na cama. Artur precisa descansar.

— Você não subirá agora? — perguntou o homem negro parado ao pé da escada. — Ver o quarto de nosso filho, como está. Nosso quarto... — Ele sorriu de forma maliciosa — ouvi dizer que tem uma banheira deliciosa e eu gostaria de convidar você para tomar um banho depois de uma viagem tão cansativa.

— Vá à frente, meu amor. Vou apenas trancar a porta e olhar os cômodos aqui embaixo.

— Como quiser. — Ele a beijou. Um beijo longo, os lábios se pressionando com um desejo cheio de promessas para mais tarde. — Não demore.

Emma não acendeu as luzes, ainda observava o marido subindo as escadas, o filho dormindo com a cabeça apoiada no ombro forte do pai. Ela estava feliz. Depois de tudo que passara, do que passaram, ela conseguira manter sua família unida e estava feliz. Fora difícil, é verdade, e estava pensando nisso enquanto caminhava até a porta para trancá-la.

Quando soubera da traição de Jorge, que ele estivera saindo com sua irmã, Beta, sua própria irmã, tudo o que desejou era morrer, e então... Uma lágrima saiu de seus olhos ao recordar, mas ela enxugou rápido. Não queria pensar nisso. Resolvera perdoá-lo depois que tivera um surto. Um ataque dos nervos em que precisara ficar uma semana internada. As cicatrizes nos pulsos ainda eram protuberantes abaixo da blusa. Mas Jorge se arrependera, pedira perdão. E depois eles tinham o pequeno Artur. Ela resolvera perdoá-lo e quando teve alta, decidiram por um recomeço em uma nova casa. E agora ali estavam eles.

Ela olhou através da fina cortina para o jardim iluminado pela luz da rua, a mesma que quebrou um pouco da escuridão dentro da sala ao entrar pela vidraça. Sarah encarou a escada, que agora parecia tão alta e larga, e suspirou, atravessando o ambiente até chegar ao primeiro degrau, mas parou ao perceber a umidade. Duas pegadas que desciam por todos os degraus acima.

— Querido? — Ela chamou. — Poderia ter secado os pés. Molhou todos os degraus, agora a madeira ficará marcada e terei que limpar isso. Sabe que odeio marcas no piso. Pensei que ia me esperar lá em cima. — Ela olhou para baixo, para aonde as pegadas seguiam, mas ficou pasma ao constatar que elas iam até a janela, onde ela esteve há pouco, e retornavam exatamente para a base da escada. Precisamente para baixo de seus pés. — Mas que merda é essa? — perguntou-se. — Jorge? Você desceu aqui? Sabe que não gosto que fique me vigiando. — Emma esperou pela resposta, que não veio.

Decidida a tirar essa história a limpo, a mulher subiu o primeiro degrau segurando no corrimão, mas conforme ia subindo, o cheiro adocicado se tornava cada vez mais forte. “Talvez os inquilinos anteriores tenham deixado alguma coisa para trás e isso tenha estragado”, pensou enquanto observava as pegadas que estavam viradas no sentido contrário ao que ela subia. Eram pegadas de alguém que descera e agora, observando mais a fundo, Emma tinha dado conta que não era uma umidade de água, mas algo mais grosso, mais denso e pegajoso. Ela se abaixou para tocar e sentiu a viscosidade em sua pele.

— Meu Deus! — exclamou quando, ao aproximar os dedos, viu horrorizada que todo aquele vermelho pungente era sangue. Muito rápida ela se ergueu e olhou para trás de novo. O sangue das pegadas que desceram, que fizeram o mesmo caminho que ela até a janela esteve ali o tempo todo. Alguém estava na sala provavelmente a observando no escuro. Então ela se deu conta que esse alguém já estava ali quando ela e sua família chegaram, que esteve no quarto quando Jorge e Artur subiram e... — Artur! — gritou, subindo em desabalada correria, segurando no corrimão para dar impulso enquanto o desespero dominava cada parte de seu corpo.

No topo da escada havia o corredor com as portas fechadas. Uma fresta de luz saindo debaixo de ambas era a única luminosidade que clareava fracamente o chão. O coração de Emma socava seu peito e ela queria gritar, mas controlar-se foi o que fez, mantendo a frieza necessária enquanto correu para a porta à direita e virou a maçaneta do quarto do filho.

— Artur? — chamou, ainda parada à porta. O leito arrumado revelava as formas do garoto debaixo do edredom quentinho e, embora suas pernas a levassem até a cama do pequeno, sua mente queria gritar que parasse, que não puxasse a coberta, mas era tarde demais. Havia um comando autônomo que não dependia da direção de seus pensamentos. As

mãos se ergueram devagar, puxando o manto azul de marinheiro que cobria o filho.

Os cachinhos compridos estavam sobre a fronha branca. Cachos castanhos, tão enrolados. A fronha branca, alva como a neve. Uma brancura que seria impecável não fossem os salpicados vermelhos imaculando o linho cândido. Cândido como aqueles olhinhos abertos encarando a mãe de forma tão inexpressiva que o coração dela parou de uma vez causando uma dor terrível. Emma precisou se dobrar sobre si mesma para suportar tamanha agonia. O corte no pescoço foi profundo e a mãozinha do filho tocava o ferimento em uma angústia de morte que revelava todo sofrimento que sentira antes de morrer.

— Ah, meu filho. Meu filho. — Ela chorou sentando na cama, sem saber como reagir. Queria agarrá-lo, tomá-lo nos braços e, no entanto, seu corpo estava paralisado. — Jorge — Emma se lembrou do marido. Ele disse que a esperaria na banheira. Teria esse monstro atacado ele também? Em um salto, ela saiu correndo pelo quarto sem nem notar a marca de mão ensanguentada na maçaneta e parede ao lado da porta.

Vindas do quarto de casal, as pegadas de sangue entravam no quarto do filho e depois saiam, seguindo para a escada, indicando que antes o assassino estivera com o marido. Emma sentiu seu corpo gelar e por alguns segundo paralisara. O medo do que poderia encontrar e, do que não queria encontrar a fez ficar por alguns segundos em estado de torpor enquanto sua cabeça girava com as muitas possibilidades do que acontecera no curto espaço de tempo em que esteve lá embaixo, enquanto sua família subira. Mas como se forçando a sair de um transe, ela jogou o corpo para frente e correu pelo corredor até a porta entreaberta. O quarto estava escuro, porém o banheiro tinha a forte iluminação irradiando pela porta para o ambiente adjacente. Emma viu a cama vazia, os sapatos de Jorge lado a lado aos pés da cadeira onde sua calça estava pendura, a camisa sobre o encosto. Sempre fora meticuloso, cuidadoso e discreto com suas ações. Discreto demais. Por isso ela demorou tanto em descobrir o caso...

— Querido? — Ela chamou, temendo a confirmação. Olhando para a porta do banheiro, viu a banheira. Límpida, branca e com a perna do marido pendendo de forma familiar na beirada. Como sempre fazia para relaxar. Por alguns segundos ela respirou aliviada. O cheiro adocicado agora mais pungente.

— Querido... Tem alguém na casa. — Ela cochichou, caminhando depressa para o banheiro para alertá-lo, mas parou de forma abrupta na porta. O ladrilho branco estava com uma manta vermelha e pegajosa. — Isso é... Isso é? — Ela queria perguntar, mas era claro que sabia que era sangue. Era muito sangue e estava derramado no chão de forma generosa ao lado da banheira, escorrendo pela borda, proveniente da garganta aberta do marido, com a cabeça tombada de lado. O grito de Emma retumbou pelo ambiente, ecoando nos azulejos e por toda a casa.

Emma caiu no chão, agarrando os joelhos. Ela estava coberta de sangue. O sangue do marido no chão.

— Mamãe? — A voz infantil de Artur a chamou do quarto. Emma se sobressaltou. — Mamãe, estou com medo — Emma se ergueu em um pulo.

— Artur? — Seu corpo tremia, ela escorregou no sangue pegajoso e quase caiu, segurando na borda da banheira. Jorge a encarava com os olhos arregalados. A garganta tão aberta que músculos e tendões eram visíveis. Ela virou o rosto para desviar daquela cena.

Deixando o marido no banheiro, Emma saiu ao encontro do filho, vendo marcas no corredor que ainda não havia visto. Marcas de mãos do assassino que matou seu marido e continuou para o quarto do filho. Ela seguiu ao socorro de Artur, o coração desesperado, a mente em pane. Abriu a porta e entrou em disparada, cruzando o espaço até a cama, mas ao puxar o edredom, caiu em uma espiral de medo. O pequeno não estava ali.

— Artur? — Aquele monstro o levou. Tapando a boca, ela abafou um grito de desespero. Onde ele estava? Sentiu todo um gelo subir desde seus pés até chegar à sua cabeça. Precisava pensar.

— Mamãe? — A voz infantil demonstrava medo. O pequeno não estava muito longe.

Devia estar no corredor. Devia estar procurando pela mãe. — Estou com medo, mamãe.

Emma correu. Não importava se o filho estava só ou com um louco assassino. Ela iria enfrentá-lo, irá matá-lo com as próprias mãos, se preciso.

Correndo de volta, ela chegou ao corredor. A escada descia para a escuridão da sala, o cheiro adocicado tão forte que quase chegava a ser de podridão.

— Mamãe?

Emma se virou. Seu coração golpeou tão forte o peito que ela arfou.

— Tem sangue em suas mãos, mamãe — Artur disse. Segurando-o no colo, Jorge encarou a mulher com os olhos acinzentados.

— Que porra de brincadeira é essa? — Emma riu.
— Suas mãos. Estão sujas de sangue, mamãe.

— No banheiro, tinha sangue, e... Mas que porra de brincadeira é essa? — Ela gritou, exigindo uma explicação. — Que merda de cheiro é esse, Jorge?

— Esse é o sangue do papai. É o sangue da garganta do papai. Da minha também. Você cortou as nossas gargantas.

— Você está me assustando — Emma deu um sorriso curto. — Jorge, para com essa merda de brincadeira.

— Você também me assustou, mamãe. — Artur desceu do colo do pai. Ele caminhou até a mãe. Ela estava paralisada. O garotinho pegou a mão de Emma e colocou em sua garganta. — Vê o que fez comigo, mamãe? — Ele segurou firme a mão de Emma para que ela não a puxasse de volta, enfiando os dedos dentro da cavidade úmida e quente. — Sente como você rasgou fundo minha garganta com a faca? — Ele levantou a faca para que ela visse. — Essa faca aqui.

— Me deixe em paz! — Emma gritou. — Por que estão fazendo isso comigo, Jorge?

— Você enlouqueceu, Emma — A voz de Jorge saiu rouca e borbotões de sangue escorreram do rasgo em sua garganta enquanto ele se esforçava para falar.

— Não é verdade. — Ela deu um passo atrás. — Está tentando me punir porque eu disse que iria deixá-lo ao descobrir seu caso com minha irmã. Porque eu tentei me matar...

— Você não tentou se matar, Emma. — Jorge disse, se aproximando. Ela recuou.

— Tentei sim. — Ela gritou, as lágrimas escorrendo. — A faca, eu cortei meus pulsos, você viu, me levou correndo para o hospital. Fiquei internada.

— Não tentou se matar, Emma...

— Eu quase morri... — Ela procurou as provas nos pulsos. As cicatrizes.

— As únicas coisas que cortou foram as nossas gargantas, mamãe.

— Estamos mortos há dez dias, Emma.

— Mentira. Nós nos mudamos. Decidimos recomeçar. Você me trouxe aqui para um recomeço.

— Nós nunca saímos daqui, Emma... — O marido se aproximou mais. O cheiro adocicado da morte agora ainda mais forte, mais pungente, mais podre.

— Eu estou com medo, mamãe — Artur tocou a mão da mãe. O toque frio, a pele pegajosa. Emma gritou.

— Fiquem longe de mim. Não sei porque estão fazendo isso comigo. Fiquem longe de mim.

— Você enlouqueceu, Emma. Primeiro foi a mim enquanto relaxava na banheira. Meus olhos fechados foram o suficiente para que você tivesse facilidade em me degolar. Todo aquele sangue saindo não mexeu com seus nervos. Suas mãos cobertas de meu sangue, Emma. E então você saiu pelo corredor atrás de nosso filho.

Emma olhou as paredes, as marcas que vieram em direção ao quarto do filho. Instintivamente ela olhou as próprias mãos. Havia sangue seco nelas ainda.

— Você me degolou na cama, mamãe — Artur falou. A faca segura nas mãos. O rosto com a cor roxa violácea da morte.

— Eu não... — Ela ainda procurava uma justificativa para tudo aquilo. E as marcas de pegadas nas escadas? No chão da sala? Ela olhou para os próprios pés sujos de sangue.

— Nunca houve um assassino nesta casa, Emma — Jorge disse. — Nenhum outro além de você. –– Ele falou como se lesse os pensamentos dela.

— Eu sinto muito.

— Sabe agora o que fazer — Jorge afirmou. Ele olhou para o filho. Do rasgo em sua garganta expeliu um grosso sangue negro. O cheiro de podridão era insuportável. Artur ergueu a faca para ela.

— Eu não posso — Emma se recusou. Ela deu mais um passo atrás.

— Eu estou com medo, mamãe — Artur disse. — Preciso que cuide mim.

— Eu não posso fazer isso — Emma estava recuando, seu filho e marido avançavam com seus corpos apodrecidos.

— Sabe o que precisa fazer, Emma.

— Eu estou com medo, mamãe — A faca na mão de Artur estava erguida, Emma só precisava pegá-la.

— O que querem de mim?! — Emma gritou. — O que eu posso fazer agora? Me perdoem. Eu sinto muito por isso. –– Ela caiu de joelhos. Jorge e Artur estavam à sua frente.

O filho colocou a mão em seu ombro e o cheiro entrou agressivo em seu nariz. Ele deu para ela a faca. Nada mais precisava ser dito.

Emma tomou a faca da mão do pequeno e observou a lâmina por um longo tempo. O sangue seco por toda a extensão do metal que matou sua família. Ela puxou as mangas de sua blusa amarela. A pele negra e lisa, livre de cicatrizes, agora começou a borbulhar o sangue vermelho quando ela enfiou com força a ponta fria.

Durante semanas os jornais só falaram sobre o caso da mãe de família que enlouquecera, matando ao marido e filho, se suicidando depois, chocando todo o bairro tranquilo e a cidade pacata.

Dias se passaram para descobrir os corpos, já em estado avançado de decomposição.

Diziam os jornais mais especulativos que pelas evidências, o pai foi o primeiro a ser morto na banheira do quarto do casal, em seguida, a mãe enlouquecida matou o filho na cama do pequeno. Mas, o que mais chocou aos policiais e cidadãos, é que a mulher convivera com os corpos durante dias, se matando depois em frente ao quarto do garoto com a mesma faca que dera cabo da vida da família.





Na Casa do Diabo

Por Ivan Campelo

Muitas mulheres, todos os dias, são chamadas de guerreiras, batalhadoras, buscando sempre alcançar seus objetivos, independente das dificuldades. Mas, Clarice deveria ser uma das que poderia receber uma medalha.

Com três filhos ainda menores para criar, ela viu seu marido morrer, linchado pela população, após ser pego no intento de assassiná-la à facadas. Jogaram muitas coisas na cabeça dele, até esmagar. Quando a polícia chegou, a desgraça já estava feita e foi necessário retirar os miolos com uma pá. Estava tudo espalhado pela calçada.

Clarice levou cinco facadas. Duas no braço, uma no ombro e duas no abdômen. As seguintes seriam no rosto e no coração, segundo ele dizia.

Alguns pontos, algumas semanas de repouso, e ela estava nova para voltar ao mercado de trabalho. Passou dois anos trabalhando no apartamento de um médico, no bairro de Casa Forte, até que sangue passou a escorrer por seu nariz e vez ou outra um desmaio lhe assaltava a consciência.

Desabava em qualquer lugar que estivesse. Banheiro, cozinha, varanda. Precisou se afastar do trabalho para buscar um melhor tratamento. Uma semana já era o bastante.

Tumor no esôfago. Esse foi o diagnóstico imediato entregue pelo médico.

A princípio ela ficou muito abalada, mas conforme os exames eram feitos e seus resultados revelados, as emoções que pendiam para o pânico passaram a caminhar na direção de uma tranquilidade consciente de que tudo ficaria bem. O tumor não era maligno e fácil de operar.

Então, Clarice continuou a trabalhar na residência do médico, enfrentando todas as dificuldades que eram inevitáveis, até o dia da operação.

Porém, foi-lhe revelada uma coisa, a qual ela considerava ser muito pior que um câncer de esôfago. Estava demitida.

O médico não a mandou embora por ela estar doente, mas sim por ele estar de mudança para a África, onde atuaria na Cruz Vermelha como voluntário.

— Por favor, Clarice, peço que me perdoe. Sei pelo que está passando. É um momento difícil... Peço que me perdoe — disse ele com a voz embargada, ao passo que as lágrimas desabavam por entre suas pálpebras.

A mulher segurou em sua mão e respondeu que tudo ficaria bem. Ela era valente e durona, no entanto, naquele momento precisou de todo esforço para também não cair em lágrimas. Temia os tempos de desempregada solitária que viriam.

Todos os seus filhos já estavam inseridos no mercado de trabalho. Um deles atuando em uma empresa fabricante de carros, com carteira assinada. Esqueceram-se dela. Ocupados demais com suas próprias vidas, criando novas famílias e gastando seus salários com suas mulheres.

Apesar de tudo que fizera por eles, não gostava de incomodar.

O médico pagou todos os direitos trabalhistas que ela tinha e depositou mais cinco mil reais para ajudar nas despesas médicas que estavam por vir.

Clarice fez questão de escrever uma carta, com enormes parágrafos contemplando a frente e o verso da folha, em agradecimento à generosidade do homem.

Todo o dinheiro foi usado com sabedoria. Gastos foram diminuídos ao extremo. Remédios, transporte e comida eram os tópicos de maiores investimentos. Como ela estava sozinha em sua casa cedida pelo governo, a quantia durou muito, dando tempo para que conseguisse fazer a operação do tumor, e, em seguida, entrar em um novo emprego na residência de dois famosos arquitetos que sempre apareciam na televisão. Ela ainda tinha mil reais na conta, quando tal coisa ocorreu.

O apartamento de Lorena Ribelinho e Josias Ribelinho ficava localizado na Beira Mar de Boa Viagem. Era uma das áreas mais nobres do Recife, ao passo que Clarice residia em uma das mais pobres.

Ela levava mais de duas horas para chegar ao trabalho, já que precisava pegar o ônibus e o metrô. Todos lotados. Os coletivos se atrasavam muito por consequência do trânsito infernal e caótico. Por sorte, seus novos patrões eram compreensíveis nas ocorrências inevitáveis de atrasos. Ela ficava até mais tarde para pagar, mesmo sem qualquer exigência por parte deles.

Tudo estava ocorrendo muito bem, em harmonia, até que limpando um dos quartos acabou por descobrir um compartimento secreto na parede, sobre a cama de casal que parecia não ser usada há tempos.

Ela sabia que não deveria ficar bisbilhotando as coisas de seus patrões. Era uma ética que seguia com afinco. Entretanto, o mau cheiro que sentia vindo do interior atiçou sua curiosidade. Um bicho poderia ter morrido ali. Clarice estava fazendo apenas a certificação para tudo continuar em ordem.

Empurrou a parte de cima da pequena porta e a de baixo abriu, fazendo o odor se intensificar.

Colocando a mão sobre o nariz e a boca, a mulher abriu o compartimento por completo, revelando algo tão escabroso que a fez recuar um passo. Suas pálpebras se esticaram para o alto e suas pupilas experimentaram uma dilatação causada pelo terror.

Três velas vermelhas queimavam com chamas negras. Estavam em lugares específicos. Uma à esquerda, outra à direita e a última sobre a pequena prateleira que fica acima da cabeça do gato que apresentava um avançado estado de decomposição.

Diversas frases ininteligíveis se espalhavam pelo local. Clarice queria acreditar que foram escritas com tinta vermelha e não em sangue, só que o cheiro deste último estava presente.

Ficou paralisada, sem saber como agir, porém, a pequena cobra que saiu do crânio deu o impulso para ela levantar a mão e desferir um tapa contra a tampa, fechando-a.

Recolheu os produtos de limpeza da forma mais rápida permitida por seu corpo e correu para a cozinha, onde havia uma janela aberta, arejando todo o cômodo.

Enfim conseguiu respirar, questionando-se qual seria o seu próximo passo. Não tinha condições de pedir demissão.

A solução estava clara.

Iria fingir que nada vira e continuaria a trabalhar como se nada houvesse descoberto.

Sem outro caminho. Foi até a pia, molhou o rosto e puxou o máximo de ar para os seus pulmões. Na geladeira, pegou uma jarra com água, lançando certa quantidade em um copo. Bebeu tudo, só que dentro de um minuto estava no banheiro. Vomitou não apenas a água, mas também o que almoçara. Conseguia ver tudo com definição dentro do vaso sanitário. Lá estavam o feijão e a costela de porco.

Levantou-se, puxou a corda da descarga e voltou para a cozinha.

Não saia de sua cabeça o que aquilo poderia significar. Foi necessário muito esforço para se ater às tarefas do dia que ainda faltavam. Varrer a varanda e começar a preparar o jantar, que teria um bolo de chocolate como sobremesa.

Clarice sempre encontrou coisas estranhas nas residências de pessoas ricas. Por exemplo, o médico tinha um baú com enorme pênis de borracha e todos eles tinham cheiro de cu com vaselina. Foi um tanto chocante para ela encontrar aquilo, no entanto, nada comparado àquela cabeça de gato. Balançou o rosto quando lhe ocorreu a possibilidade de estar em perigo. Um homem que tem um baú com réplicas de pênis só quer acabar com o próprio rabo, mas quais seriam as ideias de pessoas que escondem algo tão macabro dentro da parede de um de seus quartos? Não importava, não era assunto seu. A qualquer sinal de perigo, sairia daquele apartamento o mais rápido que conseguisse para chegar ao exterior do prédio em menos de cinco minutos, sem usar o elevador.

Apesar de todas as tentativas, ela não conseguiu sossegar, ficando atenta a todo e qualquer movimento realizado por seus empregadores. Nunca apresentaram qualquer sinal de estranheza. Eram pessoas normais, muito doces, não pareciam adoradores de algo maligno.

Clarice nunca fora uma ávida leitora, mas em uma quarta-feira, ao sair mais cedo, resolveu que seria uma boa ideia ir até a biblioteca e procurar por livros que explicassem o objetivo daquela cabeça de gato.

Escapou do prédio e caminhou até a Av. Conselheiro Aguiar, onde esperou cinco minutos por um ônibus que a levou para o final da Av. Conde da Boa Vista. Atravessou-a e percorreu a Rua da Aurora até chegar à João de Lira. Entrando nesta, Clarice se moveu até o Parque Treze de Maio e por consequência também à biblioteca. Um ficava à frente do outro.

Entrou no pátio do prédio e se dirigiu até a área destinada àqueles que desejavam pegar livros emprestados. Clarice sabia disso porque assistia muito à televisão e via os eventos que ocorriam naquele lugar. Perguntou onde ficava a sessão de ocultismo. O bibliotecário a levou até o lugar, dizendo para ela ficar à vontade e com qualquer dúvida o chamasse. Ela sorriu em agradecimento, metendo-se a procurar títulos que remetessem ao que vira.

Havia muitos livros ritualísticos, tanto para aqueles que buscavam riquezas quanto para os almejantes da submissão de terceiros a algum tipo de tormento. Por entre esses residiam também os que serviam para a invocação de demônios ou para breves conversações entre o mundo dos vivos e dos mortos.

Começou a folhear os exemplares com cuidado, porém, sem muita parcimônia, já que lhe restavam apenas duas horas antes da biblioteca fechar. Aquelas páginas abrigavam coisas tão terríveis, que Clarice acreditava existir apenas na ficção Hollywoodiana. Sacrifícios de animais, mutilação, sangue como oferenda... Eram textos que explicavam o passo a passo da realização de todas aquelas barbáries.

Como era permitido a uma biblioteca armazenar um material como aquele?

Quando faltavam quarenta e cinco minutos para as portas do local serem fechadas, ela encontrou o que buscava. Uma imagem composta em preto e branco. Era idêntica à cena que presenciara. Leu a introdução que estava sobre a imagem, quando sentiu uma forte pontada em seu coração.

“Faça de sua casa a morada de espíritos, em recompensa ganhe o que muitos desejam”.

Voltou até a mesa que o bibliotecário ficava trabalhando à frente de um computador e lhe apresentou o exemplar intitulado – “Rituais Avançados: Uso indicado para bruxos e bruxas experientes” –. Ele a fitou e ela sorriu.

Foi necessário fazer um breve cadastro e Clarice saiu com o livro dentro da bolsa, advertida de que este deveria ser entregue intacto, dentro de duas semanas.

Pegou o ônibus e levou duas horas para chegar à sua casa, exausta por ficar sobre dois pés enquanto o veículo estava preso em um denso engarrafamento.

Lançou a bolsa sobre o sofá e caminhou para o banheiro ao passo que puxava a blusa para fora de seu corpo. Já nua, entrou no box e ligou o chuveiro, sentindo a água agraciar todo o seu corpo com uma languida frieza. Fazia com que esquecesse todos os problemas langorosos, atormentantes. Ainda em pé, urinou e escovou os dentes no tempo que a água continuava a correr e limpar a sua pele negra e abaixar um pouco seu cabelo black.

Clarice ainda sentia dores quando seus dedos tocavam as cicatrizes das facadas.

Ausentou-se do banheiro, desnuda, com uma toalha presa à cabeça para que os grossos fios logo secassem, não havendo riscos de um resfriado lhe pegar. No quarto vestiu a usual camisola azul e voltou para a cozinha, onde preparou dois ovos, misturados com carne de lata, pondo tudo dentro de três pães. Encheu uma xícara com café e arrastou a sola da sandália até a sala, devorando seu jantar assistindo a dois episódios de Chaves.

O livro não saia de sua cabeça.

Apesar de tentar esquecê-lo, seus esforços foram em vão, pois quase era capaz de ouvir uma voz lhe convidar a iniciar de imediato a leitura, como se houvesse algo naquelas páginas que pudessem salvar sua vida de um grande perigo. No entanto, autodiagnosticou como paranóica e continuou a assistir as trapalhadas do personagem interpretado pelo Roberto Bolaños.

Ao terminar de comer, deixou os pratos limpos. Sem mais desculpas para abrir o livro, meteu-se com aquelas palavras que foram impressas há cinquenta anos. Tratava-se de uma edição antiga, composta por capa de couro. O miolo era formado por páginas amarelas, costuradas, mantendo uma diagramação precária, com minúsculas letras pretas.
Folheou-o até que chegou à imagem que vira na biblioteca. Releu o título, contemplou o desenho. Tinha medo do que poderia lhe ser revelado com a leitura daquele texto, mas não podia haver mais demora.

Fez a primeira leitura, de forma um tanto despretensiosa, mas a se ver diante de informações tão escabrosas, sentiu que seria necessária uma segunda leitura, desta vez mais devagar, atentando-se até a mais inútil das vírgulas que acampavam nos parágrafos.

No fim, estava satisfeita, aterrorizada e determinada a nunca mais voltar àquele apartamento. Lançou o livro dentro da bolsa, fechou-a e a colocou dentro do armário, onde ficavam as suas bonecas de porcelana. Pela manhã iria à biblioteca entregar o exemplar, pois não suportava a ideia de ter algo como aquilo em sua casa.

Tornou a ligar a televisão, deitou-se no sofá e ficou a assistir a novela que apresentava um de seus últimos capítulos. Clarice sempre entregara cem por cento de atenção àquela história, a qual vinha acompanhando há quase um ano. No entanto, graças às informações que acabara de receber não conseguia ter foco em nada além de seu medo.

Como alguém poderia ser capaz de abrir um portal dentro de sua própria casa para permitir a passagem de demônios a conviverem com eles lado a lado? Como pagamento, receberiam riquezas. Foi isso que ela encontrara no livro. A cabeça de gato e as três velas eram um portal, e as palavras que encontrara dentro do cubículo eram as que permitiam a abertura constante dele para a ida e vinda de espíritos malignos. Era uma boa explicação para o sucesso estrondoso que aqueles arquitetos tinham.

Mas, a parte que a aterrorizou estava no final. Ter um portal para o mundo carnal era algo valioso para os demônios e que qualquer interferência de terceiros poderia vir a causar a ira destes seres. Clarice viu, investigou, e com noção de tudo passou a se questionar se os espíritos a consideravam uma ameaça para seus planos.
Apesar de todo este receio, o cansaço do dia era maior, não dando chances para que

resistisse ao sono que lhe lançou em um abismo de pesadelos frenéticos. Envolviam sombras com olhos sangrentos e bodes que passavam por uma metamorfose. Transformavam-se em criaturas aladas, saltando de uma casa para outra.

Clarice lutou contra cada pesadelo que seu subconsciente lhe entregava. Lutou também contra a própria bexiga, que estava cheia por conta do café e da água que tomara antes de dormir.

Resistiu à ideia de ir ao banheiro àquela hora da noite. Sentia-se ameaçada pelo negrume, apesar da forte luz que escapava da lâmpada acima de seu rosto e do pastor que pregava de forma caricata, em um culto que era transmitido pelo canal seis.

Tudo naquele cômodo parecia um monstro. A mulher conseguia fechar os olhos e adentrar no mundo dos sonhos e pesadelos, mas sempre era puxada de volta à realidade pelo alerta da bexiga de estar tão cheia. Seu limite estava próximo. Clarice tinha força de vontade, e por isso esperou os raios de sol ficarem intensos para saltar do sofá e se dirigir ao banheiro.

Precisou pressionar as pernas uma contra a outra e colocar a mão entre elas para não acabar vazando muito líquido no caminho. Abriu a porta, bateu no interruptor da lâmpada, acendendo-a. Deu a volta, abaixando o short e a calcinha de imediato, logo sentando no vaso sanitário para relaxar e permitir a saída da urina. Um forte jato se chocou contra a porcelana e todos os pêlos se ergueram em seu corpo. Um enorme prazer foi derramado.

Fora uma noite difícil, a qual se saíra bem. Sobreviveu. Nenhum demônio ou ser de outra dimensão se meteu a visitá-la nas horas silenciosas daquela madrugada. Sua coluna doía por consequência do sofá ser rígido e esburacado pelos oitos anos de uso.

Olhou para a sala, por meio da porta do banheiro que estava aberta. Era um sofá muito velho, ela comprara de segunda-mão. Pôs a mão na testa e desatou a sorrir, lembrando-se que dormira naquela coisa por estar com medo de demônios. Suas paranóias e medos a estavam matando de cansaço. Só o fator de ter ido à biblioteca e precisar voltar para devolver, eram elementos adicionais a seu dia dos quais não precisavam.

Chegou a gargalhar quando ocorreu a reminiscência de cogitar um pedido de demissão. Ela não tinha nada a ver com os pactos satânicos que seus patrões fizeram ou viriam a fazer.

— Demissão — sussurrou ela, sorrindo e sentindo as últimas gotas de urina lhe escapar.

Levantou a mão à procura do papel higiênico para se enxugar, quando escutou um breve gruído sob si e em seguida sentiu dentes pontiagudos morder os grandes lábios de sua vagina.

Clarice arregalou os olhos e gritou quando percebeu que um pedaço lhe foi arrancado. Um sentimento langoroso queimava a sua mente ao passo que a mais verdadeira e quente dor atormentava as partes feridas. Colocou a mão para tentar estancar o sangue e saltou da bacia que já se apresentava escarlate.

Tentou correr, mas acabou se atrapalhando com o short e a calcinha. Ainda estavam para baixo.

O sangue passava pelas brechas entre os dedos e molhava a cerâmica pura, presa ao chão. Tentou levantar para correr ao exterior da casa, só que a dor a estava deixando tonta e por isso todas as tentativas foram vãs. Lágrimas e suor pingavam de seu rosto. Virou-se diversas vezes para tentar encontrar o autor de seu tormento, encontrando apenas o seu rastro de sangue que partia desde o vaso sanitário. — Socorro! — gritou ela. — Pelo amor de Deus, alguém me ajuda! — Talvez se Clarice mantivesse a calma teria percebido que nenhum som saia de sua boca.

O rastro vermelho aumentava conforme se distanciava do banheiro. Estava na sala. Faltavam apenas dois metros para alcançar a maçaneta da porta que lhe levaria para a salvação dos raios do sol.

Na televisão passava um antigo desenho cômico e colorido. Ela conseguiu identificar de que se tratava do Pica-Pau por reconhecer a dublagem.

Faltava pouco para alcançar a sua tão desejada liberdade. Abriria a porta, levantaria o short e a calcinha até onde não lhe machucasse tanto. Na sequencia se rastejaria até o vizinho da esquerda, que era policial.

Quando levantou a mão para alcançar a maçaneta, algo invisível a segurou. Seu rosto, seu torso, cabelos, pernas, braços, tudo parecia ser tocado por minúsculas mãos. Apertava a carne puxando de volta para o banheiro.

— Socorro! Alguém me ajuda! — Continuava ela a gritar, mas não demorou para uma das mãos invisíveis lhe tapar a boca.

Dentro de alguns segundos, Clarice deu conta de que estava de volta ao banheiro, sentada. Conseguia ver o sangue que derramara na tentativa de escapar.

As mãos continuavam em seu corpo, puxando-a para baixo.

A mulher não conseguia se mover, não podia gritar, mas seu cérebro era capaz de captar todas as dores que lhe afligiam. Sendo assim, Clarice sentiu quando os ossos de seu quadril passaram a se partir ao passo que ia adentrando na bacia sanitária.

O som de ossos quebrando era o que reinava sobre o silêncio daquela manhã. No momento em que metade de seu torso e coxas já estavam dentro do recipiente, o sangue começou a emergir, transbordando. Nos olhos da mulher não havia apenas lágrimas, mas também o líquido escarlate molhavam seus cílios. Aconteceu a mesma coisa com a boca, nariz e olhos. Fios de sangue escorriam por todos os orifícios. Quando isso aconteceu, já não restava qualquer sinal de vida em Clarice. Seu corpo era puxado para dentro da poça de seu próprio sangue.

Foi um processo lento por consequência dos ossos e órgãos, mas quando ficou restando apenas os pés e a cabeça, não houve demora para a mulher desaparecer por completo, deixando apenas o seu sangue que continuava a transbordar, espalhando-se por todo o banheiro.



Segredos

Por Pris Magalhães

Ainda estava escuro quando a música do celular começou a tocar às quatro e quinze da manhã. Um som irritante e específico ressoava com o propósito de despertar Marcos para mais uma rotina na recepção hospitalar no posto de saúde dos Bandeirantes. Lugar em que trabalhava em um plantão de doze horas por trinta e seis de folga.

Estendendo o braço apenas, ele tocou o celular acima do criado mudo, repousando a mão sobre o aparelho que vibrava e tocava trazendo uma irritação aos seus ouvidos. A cabeça enterrada no travesseiro macio de fronhas trocadas na véspera. Ainda cheirava a amaciante, o fazendo desejar ficar ali por mais tempo no conforto agradável que a cama proporcionava.

— Vai se atrasar, querido — A voz suave de Mônica chegou pelas costas, fazendo-o abrir os olhos. Pegando o aparelho, ele olhou as horas e desligou o alarme. — Vá tomar seu banho enquanto preparo o café.

Assim eram todas as manhãs, sem desvios na rotina sempre igual da família que morava em uma pequena casa de quatro cômodos com um jardim na frente.

Marcos, um pai amoroso, trabalhador, cristão fiel e esposo amantíssimo. Nunca deixara faltar nada aos seus. Tido como um visinho exemplar e caridoso membro da igreja, onde atuava regularmente. Pessoas simples e felizes vivendo em uma modesta residência cujas prestações ele pagava com o árduo trabalho de recepcionista, trabalho esse que prestava há dez anos.

Rangendo as dobradiças do portão às cinco horas como todos os dias o fazia, Marcos saiu com sua mochila nas costas. Dentro o almoço preparado pela esposa zelosa, no bolso da calça jeans a carteira com a foto da família em um dia de passeio. Daniel, o pequeno de apenas seis anos e Maria Alice, sua garotinha de dois. A esposa radiante sorria ao lado.

Levando cerca de duas horas para chegar ao trabalho, Marcos fazia parte do trajeto de ônibus e parte de metrô, mantendo sempre a seriedade no rosto como deveria ser um homem correto e, assim que chegava ao posto de saúde, batia seu ponto e ia para trás do balcão de atendimento, onde seu computador o esperava com as informações de cadastros já feitos ou de novos pacientes que não paravam nunca de chegar.

As rotinas hospitalares sempre eram complexas e jamais se podia esperar um dia igual ao outro. Mesmo que se soubesse que doentes iam e vinham o tempo todo, Marcos gostava de conversar com todos e prestar seu apoio aos enfermos, os conduzindo de forma a melhorar suas condições de locomoção, principalmente quando esses se encontravam sem o apoio da família. E sempre havia alguém que os entes queridos não estavam acompanhando, ocupados demais com suas obrigações para seguir um pai ou uma mãe ao hospital em um momento em que estavam tão frágeis.

Olhos atentos na tela, acessava os cadastros de todas as pessoas e sabia as enfermidades, médicos que acompanhava, medicamentos que vinham sendo utilizados e todo histórico hospitalar de cada paciente da unidade de saúde, assim como membros da família, onde moravam e o que era mais importante, com quem morava. Ele se preocupava mais com

os idosos solitários. E havia muitos.

Com a população envelhecendo cada vez mais, o número de idosos que viviam sozinhos vinha crescendo de forma significativa, e era o cadastro desses que Marcos acessava com maior freqüência. Uma visita no dia de folga, levar um alívio a quem já tinha dado tanto nessa vida era o que ele chamava de missão dada por Deus.

Naquela manhã, a rotina de Marcos não se desviou e ele entrou no ônibus como de costume, mantendo a seriedade no rosto como um homem de bem. Descendo próximo ao metrô, caminhando alguns metros até a estação e mesmo estando cheio e quase impossível de caminhar, o recepcionista não se irritava, pois estava acostumado a se empurrar entre a multidão. Então tirou do bolso um pequeno papel com algumas anotações, registrou na mente o endereço e voltou a guardar com cuidado.

Quando as portas se abriram, saiu junto com a multidão, subiu as escadas rolantes e caminhou devagar para fora da estação, recebendo no rosto moreno o sol ainda fraco da manhã. Faria um belo dia e ele sorriu com o céu azul, sentindo o ar refrescando sua pele e caminhando com passos firmes pela alameda florida, parando alguns instantes no farol vermelho, atravessando quando este ficou verde, andando tranquilo durante vinte minutos até a calma rua de ipês amarelos do bairro de antigas casas.

Aquela cor verde já bem desbotada pelo sol e chuva, desgastada pelo tempo assim como o dono, após anos de deterioração pela imparcialidade implacável dos anos que a tudo consome ocasionou uma monótona imagem ao seu olhar castanho. Pensar nisso, nessa comparação trouxe um sorriso complacente aos lábios grossos de Marcos. Ele parou alguns instantes contemplando o baixo portão de ferro antes de bater palma, secando o suor da testa. Arrumou a mochila com o almoço nas costas, sim, porque precisava dizer à esposa que ia trabalhar. Ajeitou a gola da camisa e então bateu uma mão na outra, tirando um som alto e estralado. Foram necessárias três sequências antes que a maciça porta verde fosse aberta e por ela espiasse uma cabeça coberta por espessos cabelos brancos.

— Desculpe, é o senhor Ricardo? — O sorriso gentil ficou no rosto esperando uma resposta, mas o idoso não parecia entender, ou escutar, ou talvez ambas as coisas. Então Marcos falou mais alto e pausado. — Estou procurando o senhor Ricardo. Ele mora aqui, Não?

Abrindo mais a porta, o homem passou o corpo franzino, assentindo primeiro com um gesto de cabeça, depois soltando um som fraco com a voz.

— Do que se trata?

— Eu sou agente de saúde. Vim fazer uma visita para saber como o senhor está.

— Agente de saúde? — O velho pareceu estranhar. — Não me falaram nada sobre isso.

— Nós telefonamos, senhor Ricardo. Várias vezes para avisá-lo.

O homem pareceu meditar.

— Bom, não me admira, eu não teria escutado mesmo. Sou um velho surdo. — Ele deu de ombros.

— Não fale isso — Marcos mantinha o sorriso doce nos lábios. — Posso entrar para conversarmos?

— Bom, eu estava dormindo... Mas entre.

Abrindo o portão, Marcos percebeu como a rua era silenciosa. Parecia que ninguém morava ali ou, que todos os moradores se resumiam a velhos surdos como o seu paciente. Ele subiu os três degraus até a porta e, após Ricardo entrar, ele a fechou a atrás de si.

Como não podia deixar de ser, a sala era muito antiga, com móveis antiquados, televisor de tubo e cortinas pesadas que nenhuma claridade externa ousava penetrar. Os sofás tinham estampas pavorosas e rotas e foi ali que eles sentaram. Marcos colocou sua bolsa no colo,

Ricardo ficou olhando para ele com os olhinhos miúdos e curiosos.

— Confesso que fiquei meio surpreso do posto de saúde mandar alguém aqui. Faz tempo que não consigo nem mesmo uma vaga para falar com o médico.

— Bem as coisas têm mudado muito, seu Ricardo. Uma nova gestão. Por isso estou aqui. Como andam as coisas?

— Bem, andam naquelas. A pressão, a diabetes, essa perna aqui que não melhorou desde a última vez que estive lá naquele posto — Ricardo levanta a barra da calça e mostra a perna cheia de feridas por consequência da diabetes.

— Entendo. Posso dar uma olhada? — Marcos perguntou, sentando na beira do sofá. Eu sou médico, sabe? Sou médico de família.

— Bom, então está esperando o que para vir olhar? — O homem brincou.

Marcos colocou a bolsa no chão, abriu o zíper com cuidado e tirou de dentro um par de luvas, calçando-as a seguir. Depois foi até o homem e se abaixou, olhando a perna dele com acuidade médica, analisando toda a extensão.

— O aspecto não está muito bom mesmo. O senhor deveria ter tratado o quanto antes essas lesões antes que chegassem a esse ponto. — O semblante de Marcos era muito sério. — Mas ainda há tempo.

— Há? — perguntou o velho, muito preocupado.

— Tenho aqui uma injeção. — Marcos se levantou e voltou à sua mochila, vasculhando em um bolso interno. — Ela irá tirar a dor e limpar as feridas de forma rápida. Ficará bem novamente, senhor Ricardo.

Sorrindo de satisfação, o idoso agradeceu deixando à mostra as falhas dos dentes e as rugas amontoadas em volta dos olhos cinza. Uma esperança para o tormento que era sentir tanta dor naquela perna já por tanto tempo.

— Aqui está — Ricardo tirou a tampa de proteção da agulha e espirrou o líquido um pouco. — Preciso que deite no sofá e relaxe.

Obedecendo, Ricardo recostou-se da melhor forma possível, deixando o fino braço livre para que Marcos o tomasse. A agulha fina penetrou sua pele, entrou em suas veias cansadas, injetando o liquido que iria tirar toda a dor que o atormentava. “Como esse médico era gentil”, ele pensou em quanto tempo levaria para fazer efeito. Desejou fazer essa pergunta, chegou até mesmo a abrir a boca, ou quis abri-la, mas não teve forças para isso. Seus lábios não se mexiam. Ele tentou mais uma vez, mas sua boca estava paralisada.

Ricardo tentou virar o rosto para Marcos, sinalizar alguma coisa, mostrar que algo estava errado, mas uma paralisia tomava todo seu corpo. Suas mãos estavam pesadas, sem movimento e todo seu corpo preso àquele sofá. Apenas seus olhos mexiam. Marcos veio sobre ele e olhou em seus olhos, sorriu e pela primeira vez o velho percebeu que tinha alguma coisa de muito errada com aquele sorriso.

— Não se preocupe, meu bom velho. Eu vim trazer alívio para você — O sorriso gentil e a voz calma do recepcionista era congelante. — Onde fica a cozinha? — Ele olhou para o lado oposto. — Não se preocupe, eu acho. Nós precisaremos por você na mesa de cirurgia.

Marcos colocou sua mochila nas costas, em seguida pegou o velho no colo como a uma criança e saiu caminhando pela casa. Não demorou a que achasse o cômodo com a mesa retangular bem ao centro. Colocando nela o pobre idoso, ele abriu a mochila e tirou sua ferramenta de trabalho, além de um grande macacão que começou a vestir.

— Está tudo bem. Eu já fiz isso outras vezes — disse ao vasculhar sua bolsa. — Sei o que deve estar pensando agora. — Ele achou o que estava no grande bolso lateral e desenrolou do plástico. — Que deveria estar em um hospital para este procedimento. Mas hospitais são cheios de contaminação e barulho. Está mais seguro aqui comigo. — Ele olhou mais uma vez

para Ricardo, que tinha os olhos suplicantes carregados de horror. Marcos tinha em mãos um serrote.

Sem conseguir controlar a urina o idoso começou a se molhar. A calça bege mostrando aquela mancha escura no meio e Marcos suspirou muito calmo.

— Não se preocupe. Sei como é difícil para vocês, idosos, controlar suas necessidades. Eu já ia tirar sua calça mesmo para começarmos a cirurgia. — disse. Lágrimas escorriam dos olhos de Ricardo enquanto seu zíper era aberto e sua calça descia pelas coxas descarnadas. A vergonha de se saber exposto não tinha lugar para o pavor que estava sentindo ao reconhecer o que aquele homem ensandecido estava prestes a fazer naquela cozinha ampla sobre sua mesa que tantas vezes dera jantares a amigos. Hoje todos mortos. E pensar nos amigos mortos e em como sua vida terminaria o fez derramar muito mais lágrimas.

Marcos desceu o serrote firme na pele flácida, mantendo a mão estável o tempo todo que deslizava os dentes irregulares da ferramenta na carne pouco abaixo do quadril. Serrando com força e ritmo, rasgando tendões e osso enquanto o sangue fluía generoso, correndo pela mesa e caindo no chão de forma tão bela que ele parou, tirou o celular da bolsa, ajustou a câmera e colocou em um ângulo específico para que cada detalhe do que fazia fosse registrado. Aquela obra de arte precisava ficar guardada.

Apesar de não ter dor alguma, Ricardo sentiu o corpo balançando e soube o que estava acontecendo. Ele rezou para que aquilo terminasse logo, pois temia o que mais poderia ser feito enquanto estivesse consciente, quando, pingando um vermelho vivo, Marcos levantou, segura pelas duas mãos, sua perna decepada. O sangue corria de dentro do buraco escuro. A pele pendia da lasca de um osso.

— Pronto, meu bom velho. — Ele sorriu, satisfeito. — Eu arranquei toda a sua dor. Agora essa perna não irá mais lhe trazer tormentos.

Toda uma pressão escura começou a se fechar em volta do crânio de Ricardo. O ar não entrava mais em seus pulmões, pois eles não obedeciam ao comando de seu cérebro para inalarem oxigênio. Seu peito doía e sua caixa torácica estava comprimida.

— Ah não. Não. Eu não vou perdê-lo agora. A cirurgia foi um sucesso — Marcos percebeu que o velho revirava os olhos e seus lábios tinham tomado a cor azulada por falta de oxigenação. Estava tendo um ataque cardíaco. — Reaja, homem — Imediatamente ele começou uma sucessão de massagem cardíaca seguida de respiração boca a boca, mas Ricardo não resistiu à enorme perda de sangue e à visão da própria perna arrancada de forma atroz. Marcos olhou o relógio no pulso. — Horário do óbito, onze e quarenta e cinco. — Ele secou o suor do rosto. Estava exausto, lamentava a perda de seu paciente, mas o trabalho estava longe de terminar.

Pela experiência, o recepcionista sabia os lugares mais fáceis a serem serrados e não foi difícil diminuir Ricardo a pequenos pedaços que couberam em sacos plásticos. Colocá-lo no congelador, contudo, foi uma tarefa muito difícil, mas algumas pancadas depois e o homem ficou armazenado na velha geladeira marrom.

Ricardo pegou algumas toalhas no armário e limpou a mesa e chão, depois colocou em um saco plástico para ser jogado no lixo pelo caminho, junto com o macacão que ele retirou. No banheiro de azulejos verdes, lavou o rosto, as mãos, sorriu para o espelho enferrujado e ajeitou a gola da camisa.

Era uma pena ter perdido mais esse paciente. Talvez tivesse sorte com o próximo. Mas na medicina e na guerra eram necessárias algumas perdas para se ganhar. Ele sabia que estava obtendo sucesso, sentia que suas cirurgias estavam cada vez melhores.

Tudo pelo bem da ciência.





Indomuns Muiaartum

Por Ivan Campelo

Aquela noite do dia 31 de outubro de 2016 foi a mais quente já registrada em anos. E foi naquela noite que Diego Ferraz precisou usar o seu abafado terno para ir à casa de sua avó.

Tratava-se do anual jantar de Halloween, ou, como os mais velhos preferiam: "Indomuns Muiaartum". Gostavam de lhe explicar o significado da importância do uso daquele nome, no intuito de fazê-lo olvidar-se do "Halloween", que não ia além de uma superficial data comercial para movimentar a economia Norte Americana.

Diego não se importava. Continuaria chamando igual aos americanos. Era mais fácil de pronunciar e menos ridículo.

Com o terno bem colocado sobre o corpo, ele saiu do quarto, caminhando até a sala, onde sua irmã caçula estava. A garota usava um vestido preto, com meia-calças escapando de suas sapatilhas e se esticando até as coxas.

Ele sentou em uma poltrona que ficava ao lado do sofá em que ela estava.

— Eles ainda não estão prontos? — perguntou o garoto.

— Não.

— Para uma mulher é normal ocorrer essa demora, mas um homem como o papai...

— Você sabe a forma que ele fica nessa época do ano — respondeu a garota com o implacável tom neutro.

— É, ele fica bem maluco.

Resolveram não falar mais nada enquanto esperavam. Paula ficou lendo Santuário, do William Faulkner, enquanto Diego alcançou uma revista do Batman, que estava entre as revistas sobre a mesinha de centro. Tentava manter o seu corpo na postura mais rígida possível, para impedir que seu terno amassasse.

— Crianças! — gritou a mãe, saindo de seu quarto. — Já estão prontas?

— Sim! — exclamaram em uníssono.
— Vamos, Roberto! Já estamos atrasados.

— Já vou! Já vou! Venha aqui dar um nó em minha gravata, por favor.

Diego conseguiu ouvir os passos da mãe se dirigindo ao banheiro. Cinco minutos depois, eles se apresentaram como duas figuras de extrema elegância. A mulher ornamentada com joias cintilantes e o homem com um terno sob a perfeita medida, composto com o que aparentava ser um tecido da mais alta qualidade.

— Podemos ir — disse Helena Ferraz, tocando uma de suas pérolas que rodeavam seu pescoço.

As crianças ergueram-se e se puseram à frente dos pais, iniciando uma caminhada para o exterior. Um passo depois do outro. Uma marcha sincronizada e ensaiada por eles, para não haver desordem em seus movimentos públicos.

Diego abriu a porta, saíram, fecharam-na e se colocaram a marchar de novo. Seguiam para a Range Rover, onde havia um motorista empertigado, que abriu a porta do veículo para a entrada da família. Na sequência sentou atrás do volante e saiu da enorme casa bege, localizada na Av. Rui Barbosa. Era uma avenida conhecida por seu trânsito parado, porém, por se tratar de um sábado à noite, deslizaram sem qualquer interrupção que não fossem os semáforos instalados nos cruzamentos com as transversais.

Era uma longa viagem até o Paiva. No entanto, em menos de uma hora chegaram. Afinal, estavam em uma Range Rover. Passaram pela cancela e seguiram até o conjunto onde Maria morava com seu marido, Juliano Ferraz.

Desceram do veículo e caminharam para dentro do prédio, o qual tinha a entrada prescindida por flores e heras. Subiram por meio do elevador e tocaram a campanha, sendo recebidos por uma mulher idosa, de pele flácida e enrugada. Vestia um terninho verde-musgo.

— Boa noite — cumprimentou ela em tom neutro. — Fico satisfeita com a vinda de vocês, minhas crianças. Por favor, entrem.

— Boa noite — responderam ao mesmo tempo, caminhando para dentro do apartamento.

— Desculpe pelo atraso — disse Roberto.

— Tudo bem, meu filho. O Juliano acabou de deitar sobre a mesa. A anestesia está sendo preparada pelo médico.

— Maravilha — disse Helena.

Com Maria à frente, caminharam até a sala de jantar, com o usual ar de superioridade que poderia ultrapassar o teto do apartamento.

Este era decorado com a forma classicistas. Pinturas renascentistas, armaduras remetendo às Cruzadas e esculturas fugitivas da Grécia Antiga. Sem mencionar os diversos livros espalhados pelo recinto.

Chegando, encontraram uma mesa constituída por uma antiga madeira de pinho. Sobre esta havia um velho desnudo, rodeado por pratos, talheres e pessoas que cumprimentaram a família Ferraz.

— Então não faltou ninguém para o Indomuns Muiaartum deste ano — falou um homem que estava com uma seringa nas mãos. — Sentem-se para que eu possa aplicar a anestesia no senhor Juliano.

Os seus lugares estavam no extremo esquerdo da mesa, ao lado da matriarca, Maria Ferraz. Sentaram-se e o médico perfurou a carne do velho com a agulha.

— Enquanto esperamos a anestesia fazer efeito, rezemos em agradecimento ao deus da riqueza e da fartura profissional, por mais um ano de bênçãos — disse a velha e todos levantaram as cabeças com olhos esbugalhados. Nenhuma respiração ou barulho foi ouvido enquanto aquele ato ocorria.

A oração parou apenas quando Maria liberou um profundo suspiro. Voltaram a cabeça para baixo e ficaram a observar o corpo pálido e enrugado de Juliano. Estavam presentes em torno de uma dúzia de pessoas, todas brancas, presas à indumentária com valor maior a de carros populares. Entre estes havia quatro crianças. Os dois filhos dos Ferraz, também Diana e Fernanda, filhas dos Afora. Tinham menos de treze anos.

— Fico muito feliz que estejam todos presentes para o jantar deste ano — disse Maria, com uma taça de vinho em mãos. — Esta refeição de agradecimento ao nosso deus sempre foi composto por homens e mulheres companheiras, capazes de dar a própria vida por suas famílias. E, olhando para todos nesta mesa, consigo ver que estes requisitos permanecem inalteráveis. Estou diante de pessoas que se apresentam com a mais genuína elegância e que escondem em suas almas as virtudes de nossos antepassados, os quais desde os primórdios foram banhados pela graça de nosso senhor. Obrigado por estarem aqui e desejo que estejam também no ano que vem, quando for minha vez de lhes satisfazerem.

Ela levantou a taça com vinho e todos a seguiram nesse movimento. As crianças também acompanharam. Na sequência beberam um gole do líquido e apanharam os talheres que estavam ao lado dos pratos.

— Deliciem-se — concluiu Maria, observando todos pegarem suas facas afiadas, garfos pontiagudos e os levarem até o corpo de Juliano, que estava paralisado. Porém, os olhos dele se mexiam, sendo capaz de ver cada um retirar um pedaço de sua carne.

Muitos se concentraram nas coxas, presos à ideia do local haver uma maior concentração de carne. Outros escolheram os braços, ouvindo suas experiências que lhes diziam haver um gosto melhor.

O denso sangue passou a escorrer sobre a toalha branca da mesa. Chegou às pernas dos convidados, molhando suas caras roupas. Não se importavam. Os homens, as mulheres e crianças devoravam, cortando as partes em fatias e as levando à boca. Mastigavam com enorme parcimônia. Quando não restava mais nada, além de sangue em seus pratos, repetiam, retornando ao corpo do homem que contemplava a tudo com um sorriso sob olhos flamejantes, orgulhoso de estar passando por aquilo. Alimentando com sua morte aquelas pessoas que o amavam.

Mas Juliano demorou muito para morrer. Quando restavam apenas ossos, tanto nos braços quanto nas pernas, retiraram o pênis, ação libertária de muito sangramento. No entanto, não foi o motivo da falência. O seu algoz foi a abertura de seu torço com um bisturi e a retirada de seu coração, colocado no prato de Maria. A mulher passou a alimentar-se dele, no tempo que os outros buscavam aproveitar o fígado. Os outros orgãos não tinham o gosto agradável sem o devido tratamento. Porém, era costume eles receberem depois, em seus endereços, pratos preparados com o restante do corpo.

No ano que se passara, a família Ferraz recebera uma travessa abrigando uma lasanha feita com pulmões. E estava fantástica. Muito melhor que qualquer outra que já experimentaram. As crianças concordaram e foram as que mais comeram.

O banquete estava encerrado. Todos satisfeitos e banhados pelo líquido escarlate. Não restara muita coisa de Juliano. Nada sobraria dentro de alguns dias, pois até os ossos seriam aproveitados.

Maria Ferraz sorriu, satisfeita com os olhares carnívoros de seus convidados, ansiando pelo dia 31 de Outubro do ano seguinte, para devorá-la.

O Indomuns Muiaartum estava concluído. 

Para àqueles leitores que chegaram até aqui, eu os saúdo com uma taça de vinho que roubei do próprio diabo, durante minha passagem pelo inferno.